

IX Encontro Nacional de Estudos do Consumo

21 a 23/11/2018, ESPM, Rio de Janeiro, RJ

GT 09: Consumo, gênero e sexualidade: práticas de consumo e produção da diferença

Mulheres gordas: práticas de consumo e mercado.

**Maria Luisa Jimenez Jimenez
Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT
Juliana Abonizio
Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT**

Palavras-chave: Consumo; Mercado, Mulheres Gordas; Gordofobia; Classe Social.

Resumo:

É através do corpo que os indivíduos se manifestam no mundo e revelam sua posição na sociedade, posição esta que se transforma ao longo do tempo e se difere entre culturas. Estar fora do padrão de beleza leva ao sentimento de exclusão e inferioridade, o que é agravado quando se trata de uma pessoa gorda, simultaneamente colocada fora dos padrões de beleza, de saúde e de moralidade. Assim, o indivíduo gordo é, ao mesmo tempo, feio, doente, desleixado e sem amor próprio. Essa questão é importante, uma vez que a saúde é vista, atualmente, como responsabilidade do indivíduo e não uma fatalidade, assim, o indivíduo gordo, julgado como doente, é também condenado como irresponsável. Dentro desse processo de produção de subjetividade, a insatisfação é reforçada nos indivíduos através dos meios de comunicação de massa ao mesmo tempo em que é a insatisfação e o conseqüente desejo de mudança que favorece e movimenta um mercado bastante diversificado que incluem academias, moda, cirurgias, alimentos específicos e suplementos, revistas, programas de TV, remédios, shakes, chás milagrosos, etc. O que efetivamente se vende é a possibilidade de ter um corpo magro, que vem com adjetivo de saudável, belo e jovem e, nesse contexto, a magreza se sobressai como um valor em si mesma. Para compreender como esses aspectos da cultura contemporânea se manifestam na vida cotidiana, analisamos as práticas de consumo de mulheres gordas, uma vez que o consumo comunica pertencimentos, vínculos, distanciamentos e subjetividades. Ressaltamos que esta comunicação traz os resultados parciais de uma pesquisa maior sobre gordofobia e o cotidiano de mulheres gordas e, nesta comunicação, priorizamos a análise do consumo. Em termos metodológicos, pesquisamos em redes sociais, blogs, grupos e páginas pessoais. Coletamos depoimentos que nos possibilitaram vislumbrar as vivências cotidianas de mulheres gordas na vida cotidiana através de suas práticas de consumo, muitas vezes limitado, às vezes excludente, outras vigiado e ainda, tais mulheres eleitas como público alvo de produtos, sobretudo os que prometem emagrecimento ou a o resgate da autoestima como a moda plus size. Em termos teóricos, utilizamos os referenciais da sociologia e antropologia do corpo, sociologia do cotidiano, estudos de consumo e estudos culturais. Confrontando as matrizes teóricas e os dados construídos empiricamente, construímos a base para a reflexão sobre o consumo de mulheres gordas e o que isso representa e comunica enquanto um dos aspectos da cultura contemporânea. A proposta desse trabalho foi desvendar as relações entre consumidoras e mercado, tanto quando são excluídas como quando inseridas nesse processo de compra e venda. Os resultados apontaram que mulheres com corpos maiores do que os corpos considerados desejáveis sustentam diversos nichos de mercado que tendem a crescer, tanto quanto cresce as taxas de sobrepeso e obesidade em níveis mundiais: o consumo plus size, o império conhecido como light, diet, o crescimento de academias e técnicas terapêuticas, medicina e ramos de profissionais da saúde, e a indústria pornográfica. Vale ressaltar que a existência desses mercados, os que negam ou os que supostamente valorizam o corpo gordo, não incluem todos os sujeitos que se podem abarcar pelo rótulo de gordos, uma vez que se trata, em maioria, de mercados pouco acessíveis às camadas populares, o que é agravado pelo fato da associação simbólica entre forma física e classe social, sendo o corpo gordo mais comumente identificado como típico de estratos sociais mais pobres. Em suma, propusemos a reflexão sobre o que as ações de consumo comunicam a partir das narrativas das protagonistas que se reconhecem como gordas e se encontram fora de um padrão estipulado por vários mercados e ao mesmo tempo, o impulsionamento de outros nichos para incluir esse perfil feminino que vem sendo gradativamente maior na sociedade contemporânea em toda diversidade que lhe singulariza.

Introdução

Levando em consideração estudos interdisciplinares de sociologia, antropologia, filosofia, estudos de gênero e feminismo, pesquisadores uniram-se ao debate sobre a gordura, constituindo um campo do saber denominado “*fat studies*”, estudos sobre a gordura e os corpos gordos.

Esses estudos convertem o olhar sobre os aspectos fisiopatológicos associados à gordura corporal e ao entendimento sobre os corpos gordos na sociedade, apresentando uma crítica ao modelo biomédico e sua ineficácia no tratamento da gordura.

Na contramão de profissionais da saúde que costumam reforçar o discurso dominante naturalizado de que o excesso de peso deve ser combatido a fim de que doenças crônicas sejam evitadas, para vários autores esse discurso legitimado serve apenas para autenticar o mercado de alimentos, suplementos dietéticos, indústria dos exercícios físicos, produtos de beleza, cirurgias, etc. (MURRAY, 2009); (POULAIN, 2013); (SANT’ANNA,1995); (FISCHLER,1995); (FIGUEIROA, 2014).

Pela recém emergência do tema, percebemos a necessidade de um aprofundamento para abordagens sócio-culturais que permitam um olhar diferente daquele apresentado pelas áreas da saúde que não tem contribuído suficientemente para entender o que significa o corpo gordo na sociedade contemporânea.

Tentemos mensurar o que está em jogo no estabelecimento de programas de luta contra a obesidade. Apontemos os riscos sanitários, sociais e culturais aos quais está sujeita a medicalização da alimentação cotidiana. A difusão maciça de informações sobre nutrição, na ausência de provas e de argumentação científicas a respeito das relações entre o conhecimento e o comportamento, faz com que muito frequentemente os conhecimentos científicos e as representações morais se permeiem no discurso medicalizador sobre a obesidade e a educação nutricional, sobretudo entre os não especialistas (médicos de clínica geral). A comunidade médica deve estar consciente do papel de “grande estigmatizador” que ela arrisca desempenhar, e perceber as consequências contraproducentes. (POULAIN, 2013, p. 281-282)

Esses novos estudos sobre a gordura entendem que atribuímos códigos sociais e culturais aos corpos através do processo de sociabilização. Desde crianças, aprendemos a perceber e identificar marcas fenotípicas das pessoas, através de signos que atribuem imediatamente no contato significados e valores. Feios, belos, sujos, limpos, etc.

Nessa percepção de identificação, segundo Morray (2009) são marcadores corporais de diferenciação na sociedade contemporânea, a partir de um código fundamentalmente binário, que encaixa toda pluralidade corporal em categorias como:

saudável e não saudável, patológico e normal, não aceitável e aceitável, desejável e não desejável, rico e pobre, etc.

Os corpos gordos, apesar de serem identificados culturalmente como desviantes, doentes e não aceitáveis, são público alvo, construídos e desconstruídos por uma indústria interessada em lucrar com esses corpos e com o medo da sociedade conquistar corpos maiores.

Embora sejam culturalmente percebidos como desviantes, os corpos gordos são, por outro lado, objeto de desejo, gerando um nicho erótico lucrativo. A grande contradição aqui, como se observa, é a de que, apesar da gordura ser compreendida como doença na forma da obesidade, e, sintomaticamente vivermos numa cultura que tenta se livrar da doença, o desejo pelo corpo obeso permanece. Resta perguntar-nos o que, a despeito desse imaginário altamente depreciativo para com as pessoas gordas, possibilita que estes sujeitos possam ocupar o lugar do erótico em algumas produções do mercado pornográfico. (FIGUEIROA, 2014, p. 116).

Seguindo esse raciocínio, este texto discute a relação entre gordura e consumo, com a proposta de levantar reflexão sobre a construção da estigmatização dos corpos gordos femininos na sociedade contemporânea. Nossa reflexão permite perceber que mulheres com corpos maiores ao modelo cultural de corpo feminino estabelecido socialmente sustentam diversos nichos ascendentes de mercado: o consumo *plus size*, o consumo dietético, o consumo médico e a indústria pornográfica, embora sejam consumidoras excluídas de outros mercados, principalmente pela associação entre forma física e classe social, uma vez que o corpo gordo é identificado como corpo típico de grupos sociais menos favorecidos.

1. Gordofobia: estigma que sustenta a perda de direitos

Ao contrário do que muitas pessoas acreditam, o conceito vai muito além do preconceito social, já que a gordofobia é uma questão de perda de direitos. A pessoa gorda perde direitos garantidos pela Constituição Federal de 1988, como podemos ver em seu artigo 5º, sobre o princípio constitucional de igualdade, perante a lei:

“Artigo 5º. Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade.”

Com o estigma de preguiçoso, incompetente, feio, nojento, sujo, incapaz, etc., o corpo gordo perde seus direitos como indivíduo social e isso não é percebido pela população em geral, não gerando solidariedade ao corpo desviante.

Ontem eu fui ao shopping comprar uma calça, gente foi horrível, chorei muito, não achei nada que me servia, isso que emagreci 2 quilos esse mês porque comecei a andar no bairro. As vendedoras me humilharam dizendo: aqui não tem roupa para obesos, seu tamanho é difícil, melhor mandar para uma costureira fazer, vai gastar muito tecido. Teve uma que me disse na cara dura: filha emagrece pelo menos uns 20 quilos aí você vai poder se vestir, como pode se abandonar tanto? (BALEIAS, 2018a).

O corpo gordo, por ser dissidente, torna-se público e todos podem opinar sobre ele, ou melhor, sobre como ele deve diminuir. Não é só um problema de ter a roupa para a pessoa gorda, mas de como esses corpos são tratados pela sociedade, justificados por um discurso midiático-científico naturalizado pela preocupação com a saúde.

Perde-se o direito de sentar-se numa cadeira confortável em espaços públicos como restaurante, cinema, barzinho, de passar sem constrangimentos numa catraca de ônibus, de comprar uma blusinha em qualquer loja do bairro, em ir ao médico tratar sua dor de cabeça e sair de lá com um diagnóstico de obesidade mórbida e um encaminhamento para bariátrica, de ir à academia e ver na sua ficha de exercícios que seu objetivo é emagrecer, sem nem mesmo ter conversado sobre isso com o professor que elaborou seu treino.

E, o pior, é que além de perder todos esses e muitos outros direitos garantidos por lei, ainda é culpabilizado e desvalorizado socialmente por quem presencia essa falta de direito da pessoa gorda.

Ser gordo nesse momento histórico pode causar muitíssimos constrangimentos e uma enorme falta de acessibilidade, tanto em espaços sociais públicos como privados. O avião, por exemplo, tem assentos cada vez menores e, para obter um espaço mais amplo, deve-se pagar por isso e não existem muitos deles nos aviões. O pior é que quando a pessoa gorda acaba atrapalhando o passageiro ao lado, a culpa e reclamação recaem sobre a pessoa gorda, que por ser maior está atrapalhando, e não se reclama a companhia de aviação que tem feito cada vez mais assentos menores para lucrar com mais espaços.

Eu me acostumei agora que soube que é lei e as companhias de avião tem que ter o extensor, mas há uns anos atrás eu deixava de viajar principalmente se era com amigos pelo constrangimento que tinha de pedir o extensor e as pessoas te olharem com ar de reprovação, precisei de muita terapia para conseguir fazer isso. (FEMINISMO GORDO, 2017).

Estudos realizados pela Organização Mundial da Saúde mostram que, em todo o mundo, há 2, 1 bilhões de pessoas acima do peso, o que representa quase 30% da população. O aumento da “obesidade” nas últimas três décadas ocorreu em todas as regiões do mundo, representando um problema de saúde pública em países ricos e pobres.

“A obesidade afeta pessoas de todas as idades e renda”, diz Christopher Murray, diretor do IHME (Instituto de Métricas e Avaliação em Saúde). “Nas últimas três décadas, nenhum país teve sucesso na redução de suas taxas. O problema deve crescer nos países pobres, se medidas urgentes não forem tomadas para combater essa crise de saúde pública. (MURRAY, 2014).

Pesquisa publicada na revista científica Lancet (2014) mostra que um quinto da população brasileira adulta, ou quase 30 milhões de pessoas, é obesa. O número é maior entre as mulheres: 23% delas, ou 18 milhões, eram obesas em 2014. Entre os homens, o índice é de 17% (11,9 milhões).

Segundo investigações apresentadas pela BBC (*British Broadcasting Corporation*), os números colocam o Brasil entre os países com mais obesos do mundo. Entre os homens, só fica atrás de China e EUA; entre as mulheres o Brasil fica em 5º, atrás também de Rússia e Índia. Essa comparação é feita em números absolutos e todos os países listados estão entre os mais populosos do planeta.

Como vimos, os corpos gordos são muitos e nada que é público ou privado está adaptado para o tamanho dessa população.

São inúmeros casos de pessoas gordas que morrem com doenças fatais por não serem diagnosticadas a tempo no consultório médico. (WALKER, 2017). Um gordo, quando entra em um consultório médico para reclamar de qualquer dor ou sintoma, automaticamente é diagnosticado como obeso e a recomendação é sempre emagrecer.

Sair para almoçar fora com minha família prá mim é um pesadelo, geralmente as cadeiras são pequenas e frágeis, os espaços entre as mesas são minúsculos, o banheiro eu não entro, é muito constrangimento, mas o pior são os olhares de reprovação de minha própria família, fico muito mal, toda a sociedade inclusive minha família me culpa por eu ser gorda e depois querem falar disso: Que tenho que emagrecer, fazer alguma coisa, que estou doente. Tentei me suicidar duas vezes, a ultima fiquei internada dois meses no hospital e depois fiz a bariátrica, sofri tanto, tenho vários problemas de saúde que antes não tinha, antes eu era gorda, agora sou gorda e doente. (BALEIAS, 2017).

O mundo é planejado para os magros, basta ser gordo para experimentar o quanto os espaços e coisas são construídos de tamanhos cada vez menores, as roupas são

pequenas, as cadeiras e assentos são frágeis e estreitos, a aparição de pessoas gordas nas medias sempre estão ligadas a coitados, que devem diminuir de tamanho, doentes, preguiçosos ou engraçados e desajeitados.

É verdade que as pessoas gordas estejam em situação de vulnerabilidade, e infelizmente a maioria da população não tem nenhum conhecimento de que as pessoas gordas possuem direito a assentos e auxílio especial, e isso é um muito forte para que as pessoas maiores frequentemente se sintam desconfortáveis ao solicitar assistência, pois quase sempre existe um constrangimento público dispensado a elas.

Um dia estava numa festa na casa de uma amiga, e vários homens estavam vendo o jogo na televisão, colocaram uma televisão gigante no meio da festa, não tinha como não participar daquilo, acabou o jogo e começou o Faustão e aquelas dançarinas magras e gostosas rebolando, as pessoas começaram a comentar sobre os corpos perfeitos das dançarinas e eu fui ficando mal, os homens olhavam pra mim, as mulheres, as crianças. Fui me sentindo muito constrangida, olhei ao meu redor e só tinha eu de gorda na festa, fiquei tão mal que me deu pela primeira vez síndrome do pânico, desmaiei, fui parar no Pronto Socorro, ouvia de longe os homens falando, essa gorda é muito pesada e outras coisa que me fizeram querer morrer. Depois disso, tomo remédios controlados e fiquei 3 anos sem sair de casa praticamente, tenho pavor social. (GORDA, 2016).

Muitas dessas mulheres não se sentem livres para exigir seus direitos e isso acontece porque a maioria das pessoas se incomoda com o espaço (físico, social e simbólico) que as pessoas gordas ocupam e esse incômodo é manifestado de diversas maneiras: com olhares de reprovação ou repulsa, reclamações em tom alto publicamente de como o gordo tem que emagrecer para conquistar direitos, já que geralmente a culpa do sujeito estar gordo é dele mesmo, por não ter evitado o aumento corporal adquirido.

2. A busca pela Magreza e a medicina da Beleza

A inquietude com a padronização de magreza dos corpos, sob a justificativa da saúde, resulta quase sempre em intolerância, culpabilidade e gordofobia. Sendo assim, corpos gordos não estão aptos a viverem nessa sociedade que prega magreza como condição de felicidade, beleza e saúde.

A supervalorização da aparência é acompanhada pelo crescimento do conhecimento médico especializado. Fabiola Rohden (2001) explica que, na história da medicalização da beleza nos séculos XVIII e XIX, a aparência era vista por algumas áreas médicas de forma marginal, como é o caso de associar a beleza e maternidade.

A imagem médica da beleza feminina se confundia com a representação da boa esposa e mãe produtora de muitas crianças. Sua feminilidade se refletiria em um corpo arredondado, volumoso, seios generosos, ancas desenvolvidas, característicos da maternidade. Os médicos ‘constatam’, impressionados, como a beleza ideal das mulheres é delineada pela natureza em virtude da função primordial que lhes cabe. (ROHDEN, 2001, p.16).

Já no século XIX e XX, a beleza é associada a valores morais, surge um discurso médico-higienista, valorando a pureza e limpeza,

Cada cultura tem os seus riscos e problemas específicos. Atribui um poder a esta ou àquela margem do corpo, segundo a situação de que o corpo é o espelho. Para exprimir os nossos medos e os nossos desejos mais profundos, tiramos partido do corpo humano; não sem humor e a propósito. Para compreender a poluição corporal, há que restituir os perigos reconhecidos por tal e tal sociedade e ver a que temas corporais cada um corresponde. (DOUGLAS, 2014, p. 91).

Nesse momento da história, a aparência física é valorizada como divina e não como uma conquista individual. “Fora deste uso e para além das prescrições médicas, que incluem a higiene do corpo e a cultura física, o embelezamento corre o risco de denotar uma moral duvidosa”. (SANT’ANNA, 1995, p.125).

Quando se define padrões de beleza física, se naturaliza e eterniza o corpo como “natural” e único, Eco (2004, p.14), explica que a beleza “(...) jamais foi algo de absoluto e imutável, mas assumiu faces diversas segundo o período histórico e o país.”

Para Le Breton (2003), continua presente no imaginário ocidental o modelo de corpo como máquina, uma couraça precária e falível que aprisiona a essência do homem, o cogito de Descartes, no qual “penso, logo sou”.

A formulação do cogito de Descartes prolonga historicamente dissociação implícita do homem do seu corpo despojado de valor próprio. Lembremos, contudo – uma vez que seu princípio continua sendo verdadeiro – que, Descartes formula com clareza um termo-chave da filosofia mecanicista do século XVII: o modelo do corpo é a máquina, o corpo humano é uma mecânica discernível das outras apenas pela singularidade de suas engrenagens. Não passa, no máximo, de um capítulo da mecânica geral do mundo. Consideração fadada a um futuro próspero no imaginário técnico ocidental dedicado a concertar ou a transfigurar essa pobre máquina. Descartes desliga a inteligência do homem de carne. A seus olhos, o corpo não passa do invólucro mecânico de uma presença; no limite poderia ser intercambiável, pois a essência do homem reside, em primeiro lugar, no cogito. (LE BRETON, 2003, p.18).

Entender o corpo como condição de acessório do ser acaba permitindo que o mesmo seja submetido ao seguimento de um design padrão. Em nosso tempo, o corpo

tem sido percebido como construído, no qual a “a anatomia deixa de ser um destino para ser uma escolha.” (LE BRETON, 2007, p. 49).

Eu já fui magra com seios grande, depois engordei de novo, fiz a bariátrica, tirei as peles e reduzi meus seios, engordei de novo, fiz lipo, e uma cirurgia nos glúteos, agora engordei de novo e estou tentando convencer meu médico pra fazer outra bariátrica, tive vários problemas de depressão e ele está me avaliando se devo me submeter a outra cirurgia, mas estou com diabete alta e problemas no ombro e joelho, era uma rata de academia, acredita que já tive barriga chapada? Tenho uma foto no celular, olha aqui, quero esse corpo de novo, eu era feliz quando era malhada e magra. (BELEZA FEMININA, 2017).

Dessa maneira, as normas de beleza contemporânea substituem os sentimentos pela imagem corporal, ou seja, existe uma mudança de uma moral de sentimentos a uma moral das sensações. O sofrimento já não está tão ligado as fraquezas de espírito, mas aos defeitos da aparência física/corpo.

Hoje, é na “exterioridade” do corpo, no semblante da esfera corporal egóica, que o abjeto e o refratário ameaçam irromper. É neste novo lugar, o lugar das rugas; manchas; estrias; flacidez; barrigas; obesidade; textura indesejável da pele, tensão muscular; conformação óssea viciosa; “pneus”; pêlos e cabelos a mais ou a menos etc., que o abjeto e o recalcitrante são exaustiva e implacavelmente vigiados, esquadrinhados e temidos de maneira fóbica, obsessiva, histórica ou persecutória. (COSTA, 2004, p.78-9).

Assim, a conquista do corpo estimulado socialmente como saudável e belo, está diretamente ligado com sentimentos morais e fraquezas de espírito, o que, em outro momento histórico, estava ligado muito mais ao espírito que ao corpo.

Como anunciado por Foucault (1997, p.127), cada grupo social cria expectativas sobre os corpos. Para o autor, em qualquer sociedade o corpo passa a ser um lócus de poder, “sujeito a coerções e domínios ou a experiências de confronto e resistência.” (JIMENEZ-JIMENEZ; ABONIZIO, 2017).

Por conseguinte, é pelo corpo que as pessoas se revelam e se manifestam, marcando sua configuração na sociedade, e ao mesmo tempo, é nos corpos dos indivíduos que são infundidas as regras e dinâmicas sociais que vão se transformando conforme os valores histórico-sociais do contexto em que estão localizados.

3. O Mercado da Magreza e a inadequação da gordura

A exposição contínua ao mercado do emagrecimento que reforça a inadequação do corpo gordo e a desejabilidade necessária de magreza tem colaborado com esforços

contínuos pela conquista dessa corporeidade estipulada como correta e acessível no mundo atual.

O crescimento do mercado *plus size* que apesar de pretender incluir mulheres gordas no universo da moda, contém fatores excludentes no tocante à classe social, traços étnicos e formas corporais.

Embelezar-se deixou de ser um tema secundário na imprensa. Conquistou seriedade, integrou amplamente a publicidade de milhares de produtos e serviços, desde cosméticos e alimentos até academia de ginástica e clubes de lazer. (...) Beleza transformou-se num tema ambicioso e vasto, exigindo cuidados rigorosos para além das partes físicas mais expostas ao olhar alheio. Das sobrancelhas à genitália, tudo no corpo tornou-se objeto de embelezamento diário. (...) beleza é, igualmente, submissão a cirurgias, aquisição de prazer acompanhado por despesas significativas, de tempo e dinheiro. (SANT'ANNA, 2014, p.15).

A mídia tem considerável papel na construção de nossas representações sobre os corpos considerados normais. Sobre um modelo de corpo magro, a publicidade e a numeração de vestuário ditam a regra de que tamanho os corpos devem ser e como devem se apresentar.

Observando esses espaços que constroem essas representações sobre os corpos, percebemos a pouca presença da representação midiática considerável de outros corpos que não sejam o branco, magro e de cabelo liso e essa presença, além de insuficiente, pode ser incômoda, uma vez que evidencia a existência do oposto ao idealizado.

(...) Quando fico olhando as propagandas, revistas e vídeos na internet modelos plus size fico mal, queria ser uma gorda como elas, sem barriga, pele lisinha, cabelos brilhantes, quase não tem celulites, eu não sou nada disso e então penso, que gorda sou eu? Eu não sou plus size sou um monstro gigantesco que não tenho representação nenhuma em lugar nenhum, fico mal, choro, fico dias sem olhar no espelho e entro num regime, (...) teve uma vez que emagreci 15 quilos e mesmo assim continuava gorda e as roupas não me cabiam, fiquei com tanta raiva porque eu sofri muito pra emagrecer, tomei remédio, shakes, comprei uma esteira e prá que? Comi tudo de novo, engordei mais ainda. (SOU GORDA MESMO, 2018).

A obsessão pela magreza e a rejeição à gordura (FISCHLER, 1995) acabam excluindo uma grande parcela da população que não se identifica com o corpo ideal de beleza, o corpo magro e malhado.

Existe, portanto um modelo mental no imaginário social do corpo que a mulher deve possuir e as consequências dessa conquista passam a delimitar socialmente o caráter da mulher que é julgada de acordo com sua aparência física.

(...) Não sou mais gorda, sou magra graças a deus, vou na academia todos os dias de segunda a domingo, já deixei de viajar para ir na academia, já deixei de sair para ir na academia, primeiro meu corpo, a saúde, depois o resto. (...) Minha família tem muito orgulho de mim, eu era falida gorda e feia, agora não, todos gostam de mim. Eu não consigo ser gorda, fiz seis plásticas e faria mais, eu escolho meu corpo e faço de tudo para conservá-lo, academia, regime, cirurgias, não vejo nada de mais. (MUSAS ACADEMIA PARA MULHERES, 2017).

Na página onde retiramos a citação acima, a conquista pelo corpo malhado é o objetivo central. Nela podemos ver inúmeros depoimentos de mulheres que fazem referências a conquista do corpo “perfeito” como valores morais como são esforçadas, competentes, que as pessoas mais próximas tem orgulho delas, que esse esforço merece um reconhecimento e valorização social.

As conquistas desse corpo vêm, portanto com uma sobre valoração positiva daquele sujeito que possui aquele corpo dito como certo, feliz e saudável, não importando quais esforços devem ser realizados para obtenção do mesmo, o que importa é a conquista do corpo “perfeito” para ser aceito e valorizado em seu meio social.

4. Classe social, consumo e gordura

Segundo a Sociedade Brasileira de Cirurgia Bariátrica, o procedimento ainda é de maior acesso para pessoas que possuem planos de saúde, ou particulares e o acompanhamento pós cirúrgico chega a ser mais grave ainda.

Em 2017, foram realizados 55.149 procedimentos cirúrgicos bariátricos na Saúde suplementar, segundo dados Agência Nacional de Saúde (ANS). No SUS, foram realizadas 10.089 operações em 2017, número bem inferior ao realizado pela saúde suplementar, embora esta seja responsável pela assistência médica de apenas 24,5% da população brasileira, sendo essa a taxa de cobertura da saúde suplementar no Brasil atualmente. (SBCBM, 2018).

Na leitura de depoimentos na internet com mulheres gordas, pode-se observar a desigualdade social em relação ao consumo e procedimentos relacionados ao corpo gordo. Dependendo do poder econômico de compra da mulher gorda será seu acesso ao consumo de intervenções ou prevenção a gordura.

Eu não tenho dinheiro nem plano de saúde para fazer a bariátrica agora, estou esperando faz 3 anos, espero que esse ano consiga fazer, também estou preocupada porque o médico me disse que vou ter que ter acompanhamento multidisciplinar, nem sei direito o que é isso, mas perguntei pra moça do posto e ela disse que não tem todos os profissionais aqui no SUS não. (BARIÁTRICA – VENCENDO DESAFIOS E REALIZANDO SONHOS, 2017).

O mercado alimentar light e diet, integral, frutas e verduras considerado pela maioria das entrevistadas como saudável e, portanto que as ajudaria a perder ou não ganhar peso também está relacionado ao poder econômico.

(...) Eu fui à nutricionista e não consegui seguir o plano de alimentação que ela fez pra mim, eu mal tenho dinheiro pra comprar arroz e feijão, pra mim não dá, ai resolvi comprar na internet, minha filha que me mostrou, um composto natural que emagrece rápido você comendo o que quiser, tem que tomar pelo menos 6 meses, eu consegui os dois primeiros, depois não consegui mais comprar e engordei tudo de novo. (BARIÁTRICA POR FAVOR, 2017).

Ou ainda,

(...) Quando o produto é light e é o mesmo preço que o normal eu compro, mas quando é mais caro ai não dá, meu orçamento não cobre. Fiquei seis meses esperando uma consulta com o endocrinologista pra ver se conseguia fazer um regime com medicamento, ele me passou Sibutramina, com receita e tudo, fiquei feliz, mas quando fui na farmácia custava 42 reais, comprei e um mês emagreci 6 quilos, mas não consegui continuar o tratamento, me dava batadeira no coração e insônia, tenho que voltar no médico, mas to num novo trabalho, não dá ainda pra pedir pra faltar. (BARIÁTRICA POR FAVOR, 2018).

Uma das autoras deste texto, durante seis meses, observou dois grupos de pessoas gordas no *facebook* sobre o tema alimentação, um dos grupos, com maior acesso econômico do outro grupo, apresenta diversos depoimentos que representam esse acesso maior a um acompanhamento profissional para o consumo de uma alimentação considerada *fitness* e saudável pelas mulheres,

Eu vou na nutricionista desde que nasci, todo mundo vai aqui em casa, nossa geladeira só tem coisa light, diet, funcional, zero e integrais e toda essa baboseiras do que comida de verdade, minha mãe é obcecada por “alimentação saudável”, todo mundo é gordo mas essa mania ela não perde, eu tenho trauma disso, mas fazer o que, quando morar sozinha vai ser proibido entrar esse tipo de comida na minha casa. (REEDUCAÇÃO ALIMENTAR – VIDA SAUDÁVEL, 2017).

Já, no outro grupo com menor acesso econômico, apresenta depoimentos que explicam a dificuldade de comer “coisas que não engordam”,

(...) Eu não consigo emagrecer por falta de dinheiro, igual vocês, e isso deixa a gente muito triste, se vou no supermercado aqui perto de casa tudo caro light então nem olho mais, fui comprar uma maionese e pensei em comprar uma light, o preço era muito maior, nem olho mais, quando tem carne lá em casa tem que ser de segunda com mais gordura se não o dinheiro não dá. (...) Eu não entendo isso, a gente vê que a obesidade é uma epidemia na televisão, mas tudo que não engorda é mais caro, assim não dá. (...) Voltei lá no medico e disse isso pra ele, sabe o que ele disse? Cria vergonha na cara e diminui a

quantidade, come fruta e verdura, deixa de arrumar desculpa pra ficar gorda. Me deu um ódio, nunca mais volto lá. (Gordas/O Mais felizes, 2017).

Pode-se observar que a representação social do comer e suas escolhas estão centradas na individualização, poder aquisitivo e na culpabilização das pessoas gordas, independente das causas genéticas, emocionais e, muito menos, sociais.

Fui levar a filha da minha patroa na academia dela aqui na Barra e não acreditei no tamanho e as máquinas e as roupas, e os boys, tudo lindo, tão diferente da academia que a gente vai aqui em Caxias kkkkkkkk. Primeiro que não tinha gordo, só bombado, as roupas que eles malham são de outro nível, não é igual a gente que pega a roupa mais velha e vai na academia, fiquei com vergonha de entrar lá mas comecei a rir sozinha. (Gordas/O Mais felizes, 2017).

Em resposta ao comentário no grupo,

Quando tem dinheiro rapidinho deixa de ser gorda, é academia, plástica, remédio, rico resolve tudo rápido. Difícil é a gente que tem que esperar como eu 4 anos na fila de espera pra fazer a bariátrica. (Paula, 29 anos, 2017). (...) Sei lá gente, isso de ser rico e ser magro é ruim também, elas não usam shortinho e mini blusa igual a gente aqui na baixada, tem vergonha, mesmo magras, a gente não ta nem aí, porque a gente é gostosa mesmo que gorda. (...) Meu nego me ama mesmo gorda e eu não to nem aí, vou no baile de shortinho mesmo. (Gordas/O Mais felizes, 2017).

Dessa maneira o acesso econômico, mas não somente ele pode determinar a conquista de um corpo padronizado socialmente como belo, saudável, feliz e rico. Muitos corpos periféricos não assumem essa padronização por não conseguir acesso com facilidade, dessa maneira, se faz uma associação ao corpo gordo dissidente ao corpo que vive nas periferias.

5. A mulher gorda na Indústria Pornográfica

A divulgação e comercialização da pornografia de forma geral tem se caracterizado pelo uso de plataformas na internet. Corpos gordos femininos são comercializados para o prazer visual sexual muito mais do que se imagina. (FIGUEIROA, 2014).

O que de forma geral poderia parecer um corpo inviável ou parte de um desejo muito específico no artigo “Pornografia com mulheres gordas: o regime erótico dos corpos dissonantes” de Figueiroa (2014) discute a visibilização de práticas e corpos marginalizados, que em sociedade é evitado por medo a julgamentos, contudo no privado e pela internet é liberado.

A ideia de que o sexo com mulheres gordas é uma exotização fetichista é fruto de uma interpretação que exorta o desvio tanto dos corpos quanto daqueles que consomem a pornografia gorda. Ao contrário desta atmosfera fetichista, talvez devêssemos extrair o exotismo sobre o desejo por pessoas gordas. É o que se pode observar nas comunidades de auto aceitação e empoderamento deste grupo, onde um novo *ethos* erótico se insurge, com uma igualmente nova economia sexual positiva. (FIGUEIROA, 2014, p. 12).

Segundo a autora, o desejo erótico de e por mulheres gordas tem uma ligação com os excessos, além de o corpo grande a superabundância alimentar. “Uma grande porção de filmes pornográficos com mulheres gordas trazem a comida como elemento potencializador do ato sexual, normalmente protagonizados por atrizes consideradas *Super Sizes*.” (IBIDEM, p. 116).

Kulick (2012), em sua pesquisa sobre o pornô de mulheres gordas, explica em que consiste o ato de mostrar esses corpos comendo alimentos ricos em gordura. A penetração do pênis ou de outro objeto na vagina típica dos filmes pornográficos é substituída nesse caso por penetração de comida na boca dessas mulheres.

Em sociedades como a sociedade ocidental contemporânea, nas quais a gordura foi sem cessar declarada não atraente, não saudável, não desejável, é tanto cultural quanto psicanaliticamente previsível que deveria haver um retorno do oprimido”, na forma de grupos de pessoas para quem silhuetas gordas são o foco da fantasia erótica e da satisfação. (KULICK, 2012, p.233).

Para Laura Kipnis (1999): “Gordura é aquilo para o qual a nossa sociedade não quer olhar. Em resposta, a pornografia a torna visível” (IBIDEM apud KULICK, 2012, p. 234).

Talvez esta pornografia mostre que o discurso institucional e hegemônico –que coloca o corpo gordo como uma ameaça à saúde e à vida afetiva –é incapaz de limitar o desejo, que escapa pelas vírgulas dos discursos normatizantes, fugindo dos nossos processos de apreensão, principalmente nos níveis cognitivos racionais e subconsciente. Minha hipótese aqui é a de que este desejo evidencia justamente que o ser no mundo, engajado no fluxo da vida, está longe de responder apenas a processos culturais entendidos como representações mentais, ele ultrapassa a ideia para se inscrever no pragmatismo dos corpos. Neste sentido, o mercado erótico é, conservadas suas possibilidades, extremamente democrático, porque dá lugar à pluralidade humana, talvez justamente pela sua finalidade em visar a maximização das cifras. (FIGUEIROA, 2014, p.121).

Longe de ser conclusiva essa pesquisa, observamos que a discussão sobre o consumo pornográfico de mulheres gordas vai além da fetichização desse corpo, e esse

desejo “transgressor” por corpos femininos maiores acontece com muita frequência e em diversos países.

Uma das pesquisadoras conseguiu conversar com uma atriz pornô gorda no Brasil, ela é considerada uma das mais procuradas na plataforma de pornô com mulheres gordas, está no ramo há 10 anos, aceitou conversar conosco, mas exigiu o anonimato:

(...) Eu sou feliz com o que eu faço, não é um pornô igual aos outros, violento com homem penetrando na vagina, no ânus, isso é horrível. Não vou negar, já fiz muito isso, mas não era o que eu queria. O que faço agora é o que eu gosto: comer muito, sentindo muito prazer e usar roupas sensuais, lindas. (...) Antes de decidir fazer isso e ficar rica, comprei meu apartamento, carro e sei falar três línguas, viajo, tenho muitos seguidores, faço o que eu gosto, sofria muito por preconceito, as pessoas tinham nojo de mim e agora elas sentem prazer comigo, (...) meu público só cresce, já ganhei vários prêmios e dou workshop para as meninas gordas que estão começando, ensino que nesse ramo pesar 200 quilos é uma virtude, já engordei 40 quilos depois que entrei na pornografia e isso só me ajudou. Aqui quanto mais gorda, melhor. (LAURA, 2017).

Sara Ahmed (2006) explica que a experiência dos corpos desviantes em contrapartida aos corpos normativos perpassa por uma enorme relação de inadequação e exclusão nos espaços cotidianos. Em suas observações a autora afirma perceber que se por um lado a performance desses corpos acompanham trejeitos, gestos, vocabulário e entonações vocais normatizadas minimizando os danos de não ser considerado apropriado e “normal” e portanto desejável. Do outro lado, existe uma reafirmação, até exagero consciente desse corpo excluído socialmente como forma de resistir e existir.

Conclusão

A representação social do comer e suas escolhas estão centradas na individualização, poder aquisitivo e na culpabilização das pessoas gordas, independente das causas genéticas, emocionais e, muito menos, sociais.

Se por um lado, os corpos gordos são estigmatizados e excluídos, por outro existe toda uma indústria interessada em lucrar com esses corpos, ou com o medo de a sociedade conquistar corpos maiores.

O discurso médico-científico midiático epidêmico do crescimento do aumento adiposo desenfreado nos corpos na sociedade contemporânea com tom sensacionalista e que deve ser evitado a qualquer custo apóia impérios lucrativos da busca social pela beleza.

Esse consumo citado acima, tanto da alimentação, como da moda e o pornográfico alimentam diversos nichos ascendentes de mercado: a indústria *plus size*, dietética, médica e a indústria pornográfica, embora as mulheres sejam consumidoras excluídas de outros mercados, principalmente pela associação entre forma física e classe social, uma vez que o corpo gordo é identificado como corpo típico de grupos sociais menos favorecidos.

Referências Bibliográficas

AHMED, S. Queer phenomenology: orientations, objects, others. Durham: Duke University Press, 2006. (tradução nossa)

ARRAES, J. 2015. *Gordofobia como questão política e feminista*. Revista Fórum. Disponível em: <http://www.revistaforum.com.br/digital/163/gordofobia-como-questao-politica-e-feminista/>. Acesso em: 12/05/2015.

BALEIAS. “Não acho roupa legal”. 7 março 2018. Post grupo Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/baleiazinha/?ref=br_rs>. Acesso em: 17/03/2018.

BALEIAS. “Desabafo”. 17 julho 2017. Post grupo Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/baleiazinha/?ref=br_rs>. Acesso em: 22/09/2017.

BARIÁTRICA – VENCENDO DESAFIOS E REALIZANDO SONHOS. “Quero fazer mas ta difícil”. 04 agosto 2017. Post grupo facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/326067847777119/>>. Acesso em: 17/10/2017.

BARIÁTRICA POR FAVOR. “Depoimentos”. 17 maio 2018. Post grupo Whatszap.

BELEZA FEMININA. “Corpo feliz”. 22 outubro 2017. Post página Facebook.

Disponível em:< <https://www.facebook.com/BELEZAFEMININABL/>>. Acesso em: 17/11/2017.

DOUGLAS, M. Pureza e perigo: Ensaio sobre a noção de poluição e tabu. Rio de Janeiro: Edições 70, 2014. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1861113/mod_resource/content/1/pureza-e-perigo-mary-douglas.pdf. Acesso em: 17/02/2016.

ECO, U. (Org.). História da beleza. Rio de Janeiro: Record, 2004.

FEMINISMO GORDO. “Vou viajar de avião e tenho vergonha”. 12 outubro 2017.

Post grupo facebook. Disponível em:

<https://www.facebook.com/groups/1931065187186179/?fb_dtsg_ag=AdyGk26KnjuPeiHP32rk4e_rJfAXhBd4ifY75B-sDvTSZQ%3AAdxFP1gOjUlck_Yvcvna17bmBkht34QJWQUJOv4GXpQleQ>.

Acesso em: 19/11/2017.

FIGUEIROA, N. L. Pornografia com mulheres gordas: o regime erótico dos corpos dissonantes. Revista Pensata, UNIFESP, v.4. n.1, 2014. (p.112- 126).

FISCHLER, C. Obeso benigno, obeso maligno. In: SANT’ANNA, Dd. B. (Org.), Políticas do corpo: elementos para uma história das práticas corporais. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. (pags. 69-80).

FOUCAULT, M. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1997.

GORDA. “Empoderamento Gordo”. 20 setembro 2016. Post página Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/mulhergorda/>. Acesso em: 14/11/2016.

GORDAS/O MAIS FELIZES. “Depoimentos”. 12 julho 2017. Post grupo facebook. Disponível em: < <https://www.facebook.com/groups/2019935741566437/>>. Acesso em: 03/11/2017.

JIMENEZ-JIMENEZ, M. L.; ABONIZIO, J. Gordofobia e Ativismo gordo: o corpo feminino que rompe padrões e transforma-se em acontecimento. Trabalho apresentado XXXI Congreso Asociación Latino America de Sociología ALAS – Uruguay: Universidad de la Republica, 2017. Disponível em: http://alas2017.easyplanners.info/opc/tl/1243_maria_luisa_jimenez_jimenez.pdf. Acesso em 11/09/2018.

KIPNIS, L. Bound and Gagged: Pornography and the Politics of Fantasy in America. Durham, Duke University Press, 1999. (tradução nossa)

KULICK, D. Pornô. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 38,2012. (p. 223-240). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332012000100008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 jan. 2013.

LAURA. Depoimento anônimo pelo mensagem do Facebook. 22 maio 2017.

LE BRETON, D. Adeus ao corpo: antropologia e sociedade. Campinas: Papius, 2003.
_____. *Sociologia do Corpo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

MURRAY, C. Quase um terço da população mundial está obesa ou acima do peso. O número passou de 857 milhões, em 1980, para 2,1 bilhões em 2013, de acordo com o estudo *Global Burden Disease*, 2014. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/saude/quase-um-terco-da-populacao-mundial-esta-obesa-ou-acima-do-peso/>. Acesso: 29/05/2014.

MURRAY, S. A patologização da obesidade: Posicionamento da Gordura em nosso imaginário cultural .Biopolítica e a Epidemia de Obesidade: Órgãos Diretivos: Órgãos Diretores. J Wright; V Harwood. Routledge, 2009. (tradução nossa)

MUSAS ACADEMIA PARA MULHERES. “Nunca Gorda, bóra malhar”. 11 janeiro 2017. Post página Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/Musas-Academia-Para-Mulheres-341657486011698/>>. Acesso em: 24/08/2017.

POULAIN, J. P. *Sociologia da Obesidade*. São Paulo: Senac, 2013.

REEDUCAÇÃO ALIMENTAR – VIDA SAUDÁVEL. “Nutricionistas”. 19 junho 2017. Post grupo Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/reeducacaoalimentarvidasaudavel/>. Acesso em: 26/09/2017.

ROHDEN, F. *Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.

SANT’ANNA, D. B. (Org.). *Políticas do corpo: elementos para uma história das práticas corporais*. São Paulo:Estação Liberdade, 1995.

_____. *História da Beleza do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2014.

SBCBM, Barilive discute cirurgia bariátrica no SUS. Sociedade Brasileira de Cirurgia Bariátrica e Metabólica, 2018. Disponível em: <<https://www.sbcbm.org.br/barilive-discute-cirurgia-bariatrica-no-sus/>>. Acesso em: 03/08/2018.

SOU GORDA MESMO. “Plus size: mulheres que não são gordas”. 13 fevereiro 2018. Post página Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/Souordamemooo/>>. Acesso em: 27/05/2018.

WALKER, J. Não é mimimi, a gordofobia mata e é urgente fala disso, 2017.

Disponível em: <https://mdemulher.abril.com.br/beleza/nao-e-mimimi-a-gordofobia-mata-e-e-urgente-falar-sobre-isso/>. Acesso 18/04/2017.